ANO 12.º — Sabado, 22 de Março de 1919 — Numero 565

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

AVEIRO, CHAVES E MIRANDELA

Tendo a cidade de Aveiro e as vilas de Chaves e Mirandela, pela tenaz resistencia da sua população e heroica defêsa da sua reduzida guarnição, marcado brilhante lugar na defêsa das instituições republicanas, por ocasião do ultimo movimento monarquico: hei por bem decretar, sob proposta do Ministro da Guerra e nos termos da alinea g) do artigo 2.º do decreto n.º 5:030, de 1 de Dezembro de 1918, modificado pelo decreto n.º 5:246, de 8 do corrente mês, o seguinte:

Artigo unico. E' conferido á cidade de Aveiro e ás vilas de Chaves e Mirandela o grau de oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lialdade e Merito.

O Ministro da Guerra o faça publicar. Paços do Governo da Republica, 15 de Março de 1919. —João do Canto e Castro da Silva Antunes—Antonio Maria de Freitas Soares.

COMICIO

No ultimo domingo teve logar no teatro desta cidade, um comicio no qual tomaram parte diversos cidadãos vindos do Porto, que usaram da palavra, engrandecendo a defêsa da Republica, por esforços desta região quando da invasão dos monarquicos.

Falaram nesse sentido os snrs. Secundino Branco Junior, Mem Verdial, drs. Bernardino Ribeiro da Silva, Orlando Marçal, Barata da Rocha, Vitor Macedo Pinto, André dos Reis e capitão Cruz, tendo este ultimo orador junto com o sr. Montenegro dos Santos secretariado o presidente da assembleia, sr. Rodrigo de Castro.

Foram apresentadas algumas moções e propostas.

A assistencia foi notavelmente reduzida, visto o desconhecimento que a maior parte da cidade teve da realisação do comicio.

O afastamento

Por não serem da confiança do regimen foram desligados do serviço, os srs. João von Haff, engenheiro director das Obras Publicas do distrito de Aveiro e Antonio Rodrigues Pepino, regente duma das escolas primarias desta cidade.

O professor Pepino é aquele contra quem aí foi distribuido um panfleto contendo acusações, mas cujos autores, apezar de reptados, ainda se não deram a conhecer, mantendo-se acobertados com a ignominiosa designação anónima de—*Um grupo de republicanos.*

Que diferença entre os processos dos republicanos de hoje e os dos republicanos de 1910!

FELICITAÇÕES

Além das que particularmente continuâmos a receber por motivo do nosso aniversario, deram-nos mais a honra das suas referencias os seguintes colegas:

De *O Domingo*, de Aldegalega:

"O Democrata,,

Este nosso ilustre confrade de Aveiro, um dos melhores semanarios do país, de que é director o velho republicano e nosso amigo, sr. Arnaldo Ribeiro, acaba de entrar no 12.º ano de existencia.

A' redacção de *O Democrata*, e em especial ao seu ilustre director, apresentâmos os nossos cumprimentos com o desejo sincéro de que o colega conte ainda muitos anos cheios de prosperidades.

De *O Desforço*, de Fafe:

"A Manhã,, 'A Montanha, e "O Democrata,,

O 1.º, entrou no 3.º ano de existencia; o 2.º, no 9.º; e o 3.º, no 12.º.

Todos tres republicanos sincéros e dedicados, a Republica não lhes deve poucos serviços.

Todos teem sofrido por ela, mas, nos ultimos tempos, quem não sofreu?

Enfim, triunfou para mais gloria de todos.

Viva a Republica!

E, na pessoa de Mayer Garção, saudâmos *A Manhã*; nas de Seixas Junior e Amadeu Maia, *A Montanha*; e na de Arnaldo Ribeiro, o sacrificado como nós, *O Democrata*.

Do *Correio de Vagos*:

"O Democrata,,

Entrou em novo ano de existencia este nosso presado colega, que em Aveiro defende com ardor a ideia democratica.

Os nossos parabens.

Da *Justiça de Fafe*:

"O Democrata,,

Completou mais um ano de vida este intemerato jornal da democracia portuguêsa, que ha 11 anos se publica em Aveiro.

Horas de âmarguras e momentos fugazes de satisfação dão-lhe o direito de ser atendido nas estações oficiaes da localidade.

Se assim se fizesse desde a implantação do regimen, em toda a parte, a desordem e a despeza que as conspirações teem acarretado aos governos, era evitada com a vigilancia dos bons republicanos e os nossos eminentes estadistas seriam mais apreciados, como o merecem dentro do país.

Mas não ha motivo para desesperar.

Saudando-o, pelo seu aniversario, daqui lhe dâmos o nosso abraço de solidariedade.

De *O Distrito de Aveiro*:

"O Democrata,,

Completou, em 28 de fevereiro, mais um ano de existencia, o nosso camarada local—*O Democrata*—motivo por que muito o felicitâmos, desejando-lhe larga vida e muitas prosperidades.

Barão de Cadóro

Mão amiga remete-nos de França um numero do jornal *Dépêche de Brest*, donde trasladâmos, traduzida, a seguinte noticia:

Condecorações inglêsas

O chefe de esquadrão, sr. Barão de Cadóro, comandante da base portuguêsa em Brest, vem de receber do governo britanico uma alta recompensa ou seja a medalha da *Distinguished Service Order*.

O Barão de Cadóra, que gosa de numerosas simpatias nesta cidade, tem 39 anos, sendo um dos mais jovens oficiaes de carreira do exercito portuguës. Serve na cavalaria. Uma grande parte da sua carreira militar passou-a nas colonias portuguêsas, onde foi encarregado de várias missões como chefe do estado maior das colonias de Macau (China) e de Cabo Verde (Africa Ocidental).

Este oficial superior tem, além disso, sido encarregado de importantes trabalhos de topografia e geodésia na China e na Africa e de diversas missões de ocupação, de pacificação e de colonisação nas mesmas regiões.

Acrescentaremos que o Barão de Cadóro, homem de todos os *sports*, está ao serviço da base portugu sa de Brest desde 28 de maio de 1917 e dela assumiu o comando no mez de janeiro de 1918.

Todos os seus amigos brestenses e portuguêses acorreram a felicita-lo pela distinção merecidissima que o governo inglês acaba de lhe conferir.

Pela nossa parte, congratulâmo-nos pelo modo como é apreciada lá fóra a conduta do distinto oficial e pois que a condecoração inglêsa assenta no peito de um aveirense ilustre, daqui felicitâmos tambem o Barão de Cadóro, reunindo os nossos parabens aos dos amigos que teem cumprido esse dever e mais perto de ele se encontram.

ESCLARECENDO

A proposito da carta enviada ao *Seculo* pelo ex-coronel João de Almeida e nestas colunas reproduzida, publicou o mesmo jornal est'outra do sr. tenente-coronel Carlos Guimarães, que de certa maneira começa a esclarecer o assunto debatido:

Sr. Redactor de *O Seculo*:

Tendo lido o seu jornal de 11 do corrente, que publica uma carta do sr. João de Almeida, e na qual diz que *ao rebentar o movimento monarquico encontrava-me em Aveiro, á frente do meu regimento e exercendo o comando militar da cidade. Se eu tivesse entendimentos, ou quizesse cooperar na insurreição, podia te-la secundado com a guarnição do meu comando (dois regimentos e uma divisão de artilharia) ou retirado com ela para o Porto.* S. ex.ª esqueceu-se, de certo, por lapso, de acrescentar: *se essa guarnição me seguisse*, pois que se nenhum dos graduados que dela fazia parte deu a sua adesão para revoluções monarquicas, tendo, alêm disso, a mesma guarnição dado provas evidentes da sua lealdade á Republica quando ela perigou, o que por s. ex.ª mesmo foi comunicado ás estações superiores e competentes, logo que rebentou o movimento no Porto.

Ficam gratos a v. pela publicação desta carta, os oficiaes da guarnição desta cidade.

Em nome da guarnição,

Carlos Baptista Gonçalves Guimarães

Tenente-coronel, comandante militar

O "reino,, do Porto

Convem salientar, antes de proseguir, a acção do jornal a *Patria*, na preparação do terreno para a implantação da monarquia.

Foi sem duvida este orgão da imprensa o mais importante factor da tentativa couceirista, o mais energico combatente, o mais persistente propagandista, o mais feroz inimigo das instituições republicanas e, acima de tudo, o mais hipocrita dos adversarios da Republica.

Orgão declarado da *Junta Militar do Norte*, negou terminantemente que esta tivesse outros fins que não fossem a segurança do país e a salvação de Portugal, por meio da acção de um governo forte, capaz de acabar com a luta de facções e a superintendencia da demagogia.

Garantiu, pela sua honra, que sustentava a politica republicana-sidonista, tendo como um crime qualquer tentativa de mudança de regimen no momento, ao mesmo tempo que incitava a Junta a tomar a iniciativa do governo, a impôr-se ao poder central, a constituir um governo militar, governo que seria a oportunidade esperada para lavrar o celebrado plebiscito de consulta ao país, sobre o regimen a adoptar.

Por fim a sua atitude foi mudando, desmascarando-se e nos ultimos dias de vida acidentada da Junta, em que cada dia que passava era uma machadada a mais no seu prestigio e uma probabilidade a menos para os seus fins, a *Patria*, sem rebuço e sem receio, aconselhava a Junta a substituir o regimen, a derrubar a Republica pela força e a implantar a monarquia sem delongas.

Entre outros, sobresaiu, pelo seu descaramento e insolencia, o celebre artigo **Ou agora ou nunca mais** e ainda outro **Porque se espera?** em que Pereira de Sousa, o mais repugnante bandido da monarquia, intimava o exercito a colocar imediatamente no trono o sr. D. Manuel II.

Valores entendidos. De facto, a monarquia foi implantada a 19 de janeiro, tres dias depois da *Junta Militar* ter dado por finda a sua ingloria e ridicula missão.

Mas, os republicanos?

Chega, na verdade, a causar espanto como tal implantação se poude fazer e de tal maneira que, disse-se, Couceiro ou alguem por ele, comunicou telegraficamente para Coimbra que *a monarquia no Porto fôra implantada por senhoras.*

Ignoravam os republicanos o que se passava?

Não ignoravam e sabiam pelo menos que se a *Patria* ia tão longe no descaro do seu incitamento á sublevação contra a Republica, é porque tinham as coisas bem preparadas para julgarem o exito seguro.

Sabia-se que no Hotel Universal se faziam reuniões de monarquicos cotados; sabia-se que os fins da Junta eram disfarçadamente a mudança das instituições e sabia-se, porque alguns oficiaes republicanos foram convidados, por engano, para tomarem parte na restauração, entre eles o alferes Costa Pereira, o capitão Reis e outros; sabia-se porque o arreganho dos realistas alguma coisa significava e sabia-se porque Paiva Couceiro era frequentemente procurado por individualidades manuelistas que não iam decerto jantar todos os dias com ele.

Ora os chefes republicanos estavam presos, tanto civis como militares; a Junta prendera mais de sessenta oficiaes republicanos que eram precisamente os que a hostilisavam; acabara de se dar o drama de Santarem em que os republicanos mais uma vez foram feridos nos seus sentimentos e patriotismo; as autoridades eram exclusivamente monarquicas, a policia monarquica e das tropas da guarnição houvera o cuidado de afastar, previamente, os principaes elementos republicanos.

O ambiente, portanto, era excelente, a ocasião unica e o famigerado Pereira de Sousa, director da *Patria*, tinha razão ao escrever: **Ou agora ou nunca mais!**

* * *

No sabado, 18 de janeiro, bacorejava-se que—*andava coisa no ar*—que se falava em monarquia; que a Junta ia, afinal, dar de si; que as tropas, no domingo, saíam para uma parada; que qualquer coisa de monarquia...

Uns riam-se abertamente do dislate; outros exprimiam o duvidoso—hum!... —dos momentos incertos e ninguem acreditava, este é que é o facto, no que horas depois se passaria.

Os cafés animaram-se demasiadamente, o movimento das ruas e centros de reunião prolongou-se até horas fóra do costume e a tripeira cidade foi, por fim, dormir a sonéca sobresaltada das horas de incertêsa, pondo-se mais cêdo a pé, logo de manhã, nariz no ar, á espera dos acontecimentos. Mas de manhã, nada. A vida normal, sensaborona e aborrecida, dos domingos no Porto.

Os curiosos foram debandando aos bocejos pelas ruas sem movimento.

Entretanto, contingentes dos regimentos do Porto marchavam sem alarde para o Monte Pedral, onde se aquartela o regimento de cavalaria 9—contaram-me—e ali foram mandados formar em quadrado com as costas para o centro.

Aqui encontravam-se os oficiaes e entre eles Paiva Couceiro.

Nesta posição das forças foi, sobrepticiamente, desfraldada uma bandeira azul e branca do antigo regimen. Foi só então que se mandou fazer frente á rectaguarda, e que muitas das creaturas que ali estavam compreenderam o fim para que se realisava a parada, que muitos julgavam ser para aguardar a chegada do ministro da guerra, como se lhes afirmára.

Está positivamente averiguado que muitos dos oficiaes que ali compareceram, foram iludidos com falsas declarações e tanto que, muitos desses, foram presos mais tarde.

Acrescentava-se que ao passo que todas as tropas iam armadas como para uma parada, a policia, de que tambem ali estava um contingente, a guarda e cavalaria 9 estavam municiadas para sufocar logo qualquer acto de desrespeito esboçado pelas unidades presentes.

Creio—não pude averigua-lo ainda—que o regimento de infanteria 31, suspeitando da cilada que se preparava, não mandou contingente algum á tal parada, o que lhe valeu o houroso decreto que o dissolveu logo no dia seguinte.

Foi então, no meio do pasmo de todos, militares e civis, estupefactos da audacia dessa orda de aventureiros que alguem—não pude saber-lhe o nome—leu a proclamação que segue:

SOLDADOS!

Tendes deante de vós a Bandeira Azul e Branca! Essas foram sempre as côres de Portugal—desde Afonso Henriques em Ourique na defêsa da nossa terra contra os moiros—até D. Manuel II, mantendo contra rebeldes africanos os nossos dominios em Magul, Coelella, Cuamato, e tantos outros combates que ilustraram as armas portuguesas.

Quando em 1910 Portugal abandonou o Azul e Branco, Portugal abandonou a sua historia! E os povos que abandonam a sua historia são povos que decáem e que morrem!

Soldados! O Exercito é, acima de tudo, a mais alta expressão da Patria e, por isso mesmo tem que sustenta-la e tem que guarda-la nas circunstancias mais dificeis, acudindo na hora propria contra todos os perigos, sejam eles externos ou internos, que lhe ameacem a existencia.

E abandonar a sua historia é erro que mata! Contra esse erro protesta, portanto, o exercito, hasteando novamente a sua antiga bandeira Azul e Branca.

Aponta-nos Ela os caminhos do valor, da lealdade e da honra, por onde os portuguezes do passado conquistaram a grandeza e a nobre fama que ainda hoje dignifica o conceito de Portugal perante as nações do mundo!

Juremos segui-la, soldados! e ampara-la com o nosso corpo mesmo á custa do proprio sangue!

E com a ajuda de Deus, e com a força das nossas crenças tradicionaes, que o Azul e Branco simbolisam, a nossa Patria salvaremos!

Viva a Patria Portuguesa!
Viva o Exercito!
Viva El-Rei D. Manuel II!

Porto, 19 de janeiro de 1919.

Humberto Beça

RECREIO ARTISTICO

Passou a 19 mais um aniversario desta florescente agremiação local, que foi ruidosamente festejado por todos os associados.

Ao baile do teatro, muito animado e concorrido, compareceu a *fina flôr* da tricaninha de Aveiro, tornando-o devéras atraente como sucede sempre que é chamada a colaborar em festas desta naturêsa.

"O monstro alemão,,

—(*)—

A' Junta Patriotica do Norte, protectora dos orfãos da guerra, ofereceu o autor dos *Simples* para ser publicado em folheto, revertendo o seu produto para os patrioticos fins dessa benemerita instituição, um admiravel trabalho intitulado *O monstro alemão*. Esse folheto acaba de sair. Numa nota, explica Guerra Junqueiro que essas paginas foram escritas ha ano e meio, e deviam fazer parte de um estudo mais longo que a doença fez interromper. Entretanto, o final é de março do ano findo. Ainda faltavam bastantes mezes para o fim da guerra, mas o luminoso espirito de Junqueiro antevia-o já em todos os seus delineamentos.

Guerra Junqueiro enviou o seu trabalho ao presidente da Republica Francêsa, o sr. Poincaré, e ao chefe do governo francês sr. Clemenceau. Por intermedio da legação em Lisboa, tanto o snr. Poincaré como o sr. Clemenceau mandaram agradecer, em termos do maior aprego, ao grande poeta a expressão dos seus vivos sentimentos de amor pela sua Patria, que, em contraposição a Atila, que se encarna no monstro prussiano, simbolisa em Joana d'Arc a alma heroica e divinamente bela da França.

Transcrevemos a seguir a ultima parte d'*O monstro alemão:*

Todas as energias ciclopicas do monstro alemão se distenderam para um crime: devorar o mundo. A Alemanha organisou em quarenta anos a mais estupenda maquina de guerra que os seculos teem visto. Com oito milhões de soldados obedientes e ferozes, um comando implacavel e matematico, uma artilharia de exterminio que arraza cidades e fortalezas a sete leguas de distancia, uma esquadra gigante, e um bando de zepelins vomitando fogo, a Alemanha grandiosa, a Alemanha unica, invencivel na terra, invencivel no mar e invencivel no espaço, dominaria o mundo. Mas as nações inquietas acordavam, a resistencia futura adivinhava-se. A Alemanha ia dar o golpe. Era certa a vitória. A França, politicamente anarquisada, anti-militarista e malthusiana, debatendo-se em lutas de classes, e em odios religiosos, sem fé, sem unidade, sem governo, debil de corpo e alma, capitularia antes dum mez. A Russia tenebrosa e sonambula, amorfa e selvagem, alcoolica e mistica, administrada por uma burocracia omnipotente e venal, de influencia alemã, não tinha organisação, nem tinha exercito. Os revolucionarios e os polacos haviam de agitar-se. Sob a avalanche teutonica, o colosso branco ficaria esmagado. A Inglaterra egoista, pratica, utilitaria, seria neutra por natureza. Não podia intervir ainda que quizesse. O seu desmedido imperio teratologico, de frouxa coesão, de equilibrio instavel, desagregar-se-ia imediatamente. Revolução na India, na Africa, no Egito. Cartago não arriscaria nem um marinheiro, nem um schilling. O triunfo era evidente. A Alemanha, sem hesitar, declarou a guerra. E nesse dia espantoso, o mais negro da historia, de morte e horror para a humanidade, desabrochou na Alemanha ovante uma primavera de almas e corações. Dia de jubilo sem termo, dia de apoteose e de milagre! O sonho barbaro de quinze seculos ia, finalmente, realisar-se. O clamor indomito do povo atroou os ares; nos olhos das mães e das noivas fulgiram lanças; os bardos cantaram; os teologos ergueram hinos ao Criador; os velhos, já inuteis, sentiram-se felizes, e o Deus da Prussia e dos Exercitos, o kaiser imortal que está no céu, deitou-lhes a benção da eternidade. E toda a Alemanha, demoniacamente, num furacão de orgulho e de vitória, encarnou em Atila. Atila, mensageiro de Deus. Imperador do mundo!

Mas a Inglaterra, em vez de abandonar a França, uniu-se lhe logo, alma com alma, até á morte. A Alemanha esbravejou furibunda. Que surprêsa! Era uma traição, uma loucura... Tanto pior para Cartago; suicidava-se. Os guerreiros de Atila invenciveis, transpondo a Belgica livremente, em duas semanas esmagariam a França, conquistando Paris. Depois, em dois mezes, desbaratavam a Russia. Depois, o triunfo completo e vertiginoso, a humanidade nas garras da Alemanha, o mundo escravo de Berlim, ó kaiser Imperador supremo do universo!

Como responderia a Atila o universo? Momento de angustia, divino e tragico!... A guerra espantosa ia dar o balanço ás forças moraes da humanidade. A Belgica neutra invocou o Direito. Atila retorquiu: «O direito é a minha espada, os meus canhões, o meu exercito. E os tratados? Farrapos de papel. E a dignidade, a honra? A honra é vencer e aniquilar o inimigo».

A avalanche teutonica, furiosa, inundou a Belgica. A Belgica, violada, quasi inerme diante do monstro, podia submeter-se, protestando. A resistencia era a morte, a miseria, um mar de sangue, um mar de lagrimas. E a Belgica heroica, a arder em fé, bateu-se impávidamente pelo Direito, com a certêsa inteira de derrota. Deu-se, em holocausto de fogo, á Justiça imortal, á Verdade eterna. E, cruciada, martirisada, ensanguentada, ficou épica e grande num calvario, olhos em Deus, escorrendo estrelas, a alumiar o mundo. Não tardarás a descer da cruz, nação augusta, mais formosa e mais livre do que nunca!

As hordas barbaras, torrentes de ferro e fogo, ávidas de oiro e de conquista, assaltaram a França. O monstro da noite ia devora-la, a dôce França, a clara França gerada na luz, rainha da Ideia e da Beleza, senhora da Graça e da Harmonia. Heroica e dolorosa, combateria até á morte, mas era-lhe impossivel resistir áquela avalanche de inferno—hecatombe, devastação, pilhagem, carnagem bruta e saturnal. Atila, esquartejando a França, dominaria o mundo. Civilisação, Justiça, Direito, palavras mortas. A Besta feroz, omnipotente, e o genero humano escravo e desonrado. A noite da Historia. O Anti-cristo venceria Jesus, e a aguia de batalha do kaiser pousaria, sacrilega, no elmo de oiro de Amêa. A França agonisava. O genio latino ia apagar-se.

E a França maravilhosa, num impeto de vontade arrebatador e criador, incendiou instantaneamente, vibrando-as ao infinito, em lavareda, todas as potencias da sua alma. Dez seculos de historia imortal correram-lhe nas veias, bateram-lhe no coração, inflamaram-lhe o espirito. Magnamisou-se, sobrehumanisou-se, chegou ao zenite de luz da vida heroica, tocou em Deus. E diante da barbara Alemanha, satanica e monstruosa, encarnada em Atila, ergueu-se, deslumbradora e sublime, a França eterna, polarisada em Joana d'Arc (1). E a França de Joana d'Arc, numa batalha de milagre, conteve repentinamente, varada de assombro, a onda exterminadora e gigantesca. Milagre, sim, milagre de heroismo, de razão e de fé, milagre do povo de Joana d'Arc. A batalha do Marne, salvando a França, salvou o mundo. E depois Verdun! Que prodigio! Horas imensas, instantes sem fim, minutos de Deus!

Esta guerra é demoniaca e santa. E' a guerra da Iniquidade com o Direito, da Besta com o Espirito, de Atila com Joana d'Arc. Quem vence? Joana d'Arc. A espada fulgurante da Mulher-Arcanjo trespassará de lado a lado o coração do monstro. A Alemanha orgulhosa quiz dominar a terra, e debaixo dos pés do genero humano, golfando sangue, uivará de dôr (2). Ambicionou todas as pompas e riquezas do mundo, e ficará indigente. Sonhou a gloria imorredoira, a gloria unica, e tem de expiar, de joelhos, através dos seculos, a imortalidade dos seus crimes.

Triunfa Joana d'Arc! Joana d'Arc, expressão culminante da França, encarna a Patria, abraça a humanidade, convive com os anjos e perde-se em Deus. Triunfa na Patria, porque a Patria, que resgatou e que a gerou, é neste momento a sua eucarestia verdadeira, a sua imagem épica e celeste. Triunfa na humanidade porque dez povos heroicos combatem ao seu lado; a vitória imortal não tarda a abrir as azas, e palpita por ela o coração do mundo. Triunfa no céu, porque da terra, varada de dôr, inundada de sangue e orvalhada de lagrimas, brotam lirios de fé, lirios de chama, das campas nascem cruzes, das bôcas voam preces, os joelhos dobram-se, as almas rezam, e, cheias de infinita angustia, só encontram em Deus—infinito amor, a infinita paz!...

Guerra Junqueiro

---

(1) Toda a França, católica ou não católica, se polarisou em Joana d'Arc. Joana d'Arc é o simbolo augusto da Patria, a flôr divina da raça.

(2) O que aconteceria, se a resistencia da Alemanha determinasse a invasão.

Novo bacharel

Chegou ha dias a Vagos, sua terra natal, tendo tido, por parte dos seus conterraneos, festiva recepção, o novo bacharel em Direito, Antonio Lucio Vidal.

Filho duma familia respeitavel, inteligente e dotado dos mais nobres sentimentos, ao dr. Lucio Vidal, nosso amigo e ardoroso republicano, está naturalmente reservado um brilhante futuro, que tanto é o que lhe desejam aqueles que, como nós, se congratulam pelo termo da sua carreira escolar, cingindo-o num grande abraço de felicitações, muito intimo, muito leal, muito sincero.

Felicitações que não podemos deixar de estender a seu bom pae, Antonio Vidal, pela satisfação que deve ter experimentado ao vê-lo, com os seus estudos concluidos, regressar a casa.

Notas mundanas

Teve logar no dia 14 do corrente o enlace da snr.ª D. Angela Ribeiro Sucêna, filha estremosa do sr. dr. João Sucêna, oficial do governo civil do distrito, com o sr. dr. Benjamim Camossa, medico em S. Martinho do Porto.

Aos noivos, que reunem apreciaveis dotes de coração e de espirito, os nossos parabens.

== *Foi promovido a secretario de finanças e colocado na Ponta do Sol, Ilha da Madeira, para onde partiu já, o nosso conterraneo e amigo, sr. Eduardo Pinto Miranda.*

Feliz viagem e muitas felicidades.

== *Para o snr. Egas Salgueiro, socio da firma João Campos da Silva Salgueiro & Filhos, foi pedida em casamento a interessante filha do conceituado mestre de obras, snr. Maximo Henriques de Oliveira.*

== *Com demora de dois dias apenas, veio a esta cidade, tendo retirado em seguida para Bragança, onde exerce as funções de delegado do Procurador da Republica, o nosso particular amigo sr. dr. Joaquim de Azevedo e Castro.*

Fez se acompanhar de sua esposa e filha, que por algum tempo foram hospedes da familia do director deste jornal.

== *De passagem tambem aqui estiveram os srs. Manuel Dias dos Santos, ourives em Valença do Minho; José de Almeida Novo, da Veiga e Claudio Portugal, digno regedor de Requeixo.*

CARTAS DE FRANÇA

—(*)—

Minha Rosa:

O que desejo
é que tu, dôce meu enlevo,
passes bem, como eu te vejo
nesta hora em que te escrevo.
Boa saude, alegria,
sem sombra de sofrimento,
tendo, de noite e de dia,
sempre em mim teu pensamento.
Que eu não receio que exista
outro a quem queiras, ó não!
mas, quem está longe da vista
está longe do coração.

Deixei meus olhos nos teus
quando da terra abalei.
Finda a guerra, queira Deus
que os encontre onde os deixei.
Olha, não vás engeita-los...
Nesse dia em que voltar,
quero de novo encontra-los
lá dentro do teu olhar.
Perguntas-me quando irei!
Talvez brêve... Sei lá bem...
Ao certo, nem eu o sei,
nem tu sabes, nem ninguem.
E alegra-te se demoro,
pois cada hora que passa
é mais um ramo de louro
colhido p'la nossa Raça.

Deram ha pouco Trindades
pôz-se o sol. E' lua cheia.
E, ouvindo-as, senti saudades
dos sinos da nossa aldeia.
Saudades, quem as não sente?
Longe dos seus, quem não hade
recordar um bem ausente?
Quem recorda sem saudade?
Todo o passado é uma voz
que chama por nós, e adeja,
e ecôa dentro de nós
como um sino numa igreja.
Eis porque sinto saudades...
Que serão os sonhos teus?
Deram ha muito Trindades...
Já deves sonhar... Adeus!

P. S.

Trôam canhões a distancia.
A terra julgo que abate
a meus pés. Delirio! Ansia!
Até que enfim! Em combate!
Ou eu ganho a Cruz de Guerra
p'ra teu orgulho, ou então
morro p'la nossa Terra,
contigo no coração...

(Do livro **Trincheiras de Portugal**, por Silva Tavares).

A POLICIA

Dizem-nos que está sendo reorganisada convenientemente, como sucede nas outras partes, a policia de Aveiro.

Já o notámos. Pelo menos desde que vimos nas ruas as mesmas caras, metidas nos mesmos uniformes e com o mesmo chanfalho á cinta, cheirou-nos logo a reorganisação.

Mas—inquirirá o leitor—como se entende uma reorganisação dessa natureza?

Explica-se bem: é que a alteração sofrida não foi nas caras, foi nos números. E esses são tão microscopicos que, á primeira vista, ninguem dá por tal.

Tezissima reforma.

NECROLOGÍA

Após curta mas dolorosa enfermidade, faleceu no ultimo sabado, 15 do corrente, o prior da freguesia da Vera-Cruz desta cidade, rev. Manuel Ferreira Pinto de Souza.

Caracter rigido, homem de bem, exemplar no seu ministerio, juntando ás suas palavras a correspondente acção, ele paroquiou modelarmente a sua freguesia durante cêrca de 40 anos, conquistando pela elevação dos seus sentimentos e grandêsa da sua alma, a simpatia, o respeito e a alta consideração de todos quantos podiam conscienciosamente apreciar as suas virtudes e aquilatar do seu espirito.

Mas não foi sómente junto dos altares, nem na área da sua igreja, no cumprimento augusto da sua missão, que o velho prior Ferreira se elevou grandioso e sublime no conceito publico. Foi tambem na dedicação inexcedivel, no sacrificio permanente, na assistencia devotada e infatigavel aos males e ás desgraças dos seus, que ele nunca desamparou com o seu auxilio, com o seu conselho, com toda a protecção que o maior amor paternal póde produzir.

A todas as vicissitudes, a todas as provações e fatalidades com que a desgraça envolveu numa persistencia aterradora a sua familia, o prior Ferreira, resignado e altruista, num estoicismo proprio e unico das grandes almas, acudiu sempre solicito, decidido, pressuroso, como se para ele fosse a dôr a combater a primeira que lhe alanceasse a alma.

Essencialmente modesto, morre pobre porque, possuidor de nobres sentimentos, a bem dizer, só para os outros grangeou.

O prior Ferreira, cabe perfeitamente num confronto honroso com o modelar bispo de Miriel, que a pena inegualavel de Vitor Hugo consagra nas paginas dos *Miseraveis*.

Nasceu a 15 de setembro de 1841, cantando a sua missa nova a 3 de abril de 1864.

Foi secretario do Vigario Geral desde 1868 a 1872, sendo nomeado professor no Seminario a 12 de maio de 1880. A 15 de julho do mesmo ano começou a paroquiar a freguesia da Vera-Cruz, sendo colado a 23 de dezembro.

Em maio de 1895 e após o falecimento do saudoso padre José Candido Gomes de Oliveira Vidal, tomou conta do arciprestado.

Musico distinto, compoz uns responsos, obra de folego, que foram executados nos oficios realisados na ultima terça-feira na igreja da Apresentação, onde o seu cadaver se conservou até á realisação do funeral.

A' missa de *Requiem*, acompanhada por uma explendida orquestra, composta aproximadamente de 60 executantes, que das bandas musicaes de Vagos, Ilhavo e desta cidade se reuniram a prestar a derradeira homenagem ao seu grande mestre, assistiu numerosa concorrencia.

Foi tambem soberbamente executada, sob a direcção do snr. Antonio Alves, chefe da banda regimental, a marcha funebre de Chopin.

O funeral foi um dos mais importantes a que temos assistido, atravessando as ruas da cidade entre compactas e intermináveis filas de povo, que assim prestava a ultima prova de respeito e saudade ao veneravel prior Ferreira.

Que descance em paz. E a toda a familia enlutada a viva expressão das nossas condolencias.

* * *

No ardor dos anos, contando apenas 20 primaveras, faleceu a menina Lilia Estrela Souza Lopes, aluna do 1.º ano da Escola Normal desta cidade, filha do sr. Bernardo de Souza Lopes, amanuense do comissariado de policia.

* * *

Faleceu a 12 de janeiro ultimo, em Lourenço Marques, vitimado pela bronco-pneumonica, o nosso conterraneo Edmundo Chaves, que ha 5 anos para ali partira forçado pelas contingencias vida, creadas pela inesperada morte de seu pae.

Pertencia ao quadro do pessoal administrativo de Marraquene, onde era muito estimado e distinguido, especialmente pelo administrador, o sr. Raul Candido dos Reis, filho do extinto republicano vicealmirante Candido dos Reis, que o não desamparou até ao seu ultimo momento.

Dotado das melhores qualidades, eximio desenhador e caricaturista distinto, a morte surpreendeu-o na plenitude da vida aos 25 anos.

A' snr.ª D. Alzira Chaves sua tia, irmãs e mais familia, o nosso pêsame.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 19

Encontra-se fechada desde as férias grandes do ano que findou, a escola do sexo feminino desta localidade.

Até essa data regeu-a com a competencia propria dos seus elevados meritos, a professora D. Madalena de Figueiredo, que, por ter solicitado a sua colocação mais proximo de Aveiro, de aqui saíu sem deixar quem a substituisse. O logar tinha de ser posto a concurso, dizem-nos, e isso fez o sr. Inspector Escolar. Mas—ó céus!—as aulas abrem nos primeiros dias de outubro, o tempo passa, chegamos a meados de março e a respeito de aparecer nova professora não se vê geitos. Todavía as concorrentes parece serem em grande numero, boquejando-se que não falta quem queira a cadeira da Costa e que se o logar ainda continua vago, isso se deve exclusivamente ao snr. Domingos Cerqueira, que, longe de solucionar a questão com brevidade e justiça, a está protelando ao sabôr da empenhoca, comprometendo a instrução das creanças e, o que é peor, contribuindo para que ámanhã as familias de muitas se aborreçam e deixem de mandar os filhos á escola. Ora isto não póde ser!

Tempo de mais passou já sem que se tenha resolvido o que em quinze dias, o maximo, devia ficar solucionado. De outubro até hoje vão decorridos cinco mezes e meio. Já nem outro tanto falta para que o ano lectivo acabe. Senhor Inspector Escolar: isto vai alêm das marcas, e porque atingiu o cumulo do desleixo ou da imoralidade, está a pedir intervenção superior. Evite, porêm, V. Ex.ª que o povo se pronuncie e que nós volvâmos a tratar deste assunto. Não temos empenho, creia, em ser-lhe desagradavel. Antes pelo contrario. Mas para isso necessario se torna que o snr. Cerqueira acorde e, compreendendo quanta razão nos assiste, se disponha a reparar a falta cometida, nomeando imediatamente uma professora que venha abrir a escola desta terra e uma vez de posse da cadeira se integre no cumprimento da sua missão por fórma a que nenhuma reclamação mais possa surgir.

Vâmos. A Costa do Valado tem direito a ser atendida e de absoluta necessidade é que o seja sem perda dum só instante.

Reclama-o, neste particular, não só o interesse colectivo, mas tambem o culto devido ao ensino pelo regimen que se comprometeu a reduzir quanto possivel o numero dos analfabetos.

C.

Alquerubim, 11

(Retardada)

Tomou posse a nova comissão paroquial desta freguesia, composta dos srs. Julio Henriques Pereira de Castro, Joaquim Corrêa de Melo e Eduardo Martins dos Reis, sendo o primeiro o presidente. Estão todos na melhor intenção de fazer administração economica e proveitosa para esta terra. Esta nomeação foi bem recebida.

== Continua melhorando o sr. Manuel Maria Amador, que ha muito se encontra retido em casa, doente.

== Numa das noites da semana passada, quebraram alguns vidros nas habitações dos srs. David Lemos, Julio Castro e dr. José Lemos, cortando tambem a este ultimo 174 videiras, algumas das quaes davam mais de 10 litros de vinho por ano. Tambem cortaram no largo do dr. José Pereira Lemos um lindo castanheiro da India, plantado ali pela Junta desta freguesia. Não se sabe ainda quem foi o malandro, autor desta selvageria.

C.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Brito*.